

Uma História da Filosofia

62 Whitehead e a Teologia do Processo

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Todos receberam uma cópia das instruções para as resenhas de livros até o final do semestre? Esta é a terceira vez que estou divulgando isso, o que significa que vocês perderam duas vezes. Vamos ver, quem mais estava presente? Alguém aí atrás? Ok. Ok, hoje voltamos nossa atenção para Whitehead.

E quero me concentrar particularmente na concepção de Deus de Whitehead. Mas, para isso, precisamos ter alguma compreensão de seu esquema filosófico geral, especialmente sua metafísica. Porque é evidente, suponho, que a forma como concebemos Deus e a relação de Deus com a natureza dependerá do esquema metafísico; o conceito de Deus é, nesse sentido, dependente do sistema.

O conceito de Deus depende do sistema, sim, porque a forma como você concebe Deus em relação à natureza depende de como você concebe a natureza, o que é bastante óbvio. E na última aula, estávamos apresentando Whitehead. E eu estava enfatizando o fato de que, para Whitehead, os constituintes básicos de toda a realidade não são substâncias com uma identidade duradoura e imutável, mas sim eventos.

Os eventos podem ser muito momentâneos, com duração de cerca de 1/50 de segundo. 1/50 de segundo é um tempo muito curto. Ele costuma chamar esses eventos minúsculos de ocasiões reais.

E reserva a palavra "evento", e às vezes a palavra "entidade", entidades reais, para eventos de maior escala. Mas, quer estejamos falando de microeventos ou de maxi-eventos, como este período de aula, sua formação universitária ou a história dos Estados Unidos, veja bem, cada um deles é um evento de tamanho e duração diferentes. Não importa de qual evento estejamos falando, todos os eventos podem ser descritos em termos de três elementos constituintes, três fatores.

E como indicamos da última vez, esses três fatores são os dados objetivos, que na verdade equivalem às causas, as causas eficientes, por assim dizer, os dados objetivos, as possibilidades eternas e a decisão. E repito isso simplesmente porque é muito importante entender. Então, se você conceber um processo em andamento, o que inicia um novo evento? O que inicia o novo evento é a interseção de dois processos.

De modo que os dados objetivos do segundo processo se cruzem com os estados de coisas existentes no primeiro processo. Assim, nesse ponto de cruzamento, haverá

dados objetivos que farão diferença. Você diz que isso é um mecanismo de causa e efeito.

Sim. E na medida em que o modelo básico para todas essas coisas pós-correntes é a consciência humana, na consciência humana, diríamos que os dados objetivos são percebidos por meio do que ele chama de apreensão física. Apreensão, claro, é um termo de Leibniz.

É uma versão abreviada de apreensão, ou, se preferir, compreensão. Mas apreender algo é simplesmente aceitá-lo, estar ciente dele, deixar que ele o afete. Ele destaca que pode haver apreensão positiva e negativa.

Apreensão positiva é quando você, sim, aceita a influência e a absorve. Apreensão negativa é quando você simplesmente a rejeita, a ignora ou se afasta dela. Você verá.

Mas o novo evento, em virtude de dados objetivos, que são apreendidos fisicamente, é uma experiência afetiva, não cognitiva. Ele critica as teorias representacionais do conhecimento de autores como Descartes, Locke, Berkeley e Kant, afirmando que elas priorizam o cognitivo, o conceito, a ideia. Que o elemento inicial em uma experiência perceptiva, em um evento perceptivo, não é a ideia, mas o estímulo causal.

O afetivo, não o cognitivo. E essa experiência perceptiva é o paradigma para todos os eventos de todos os outros tipos. De modo que, mesmo em seres inconscientes, existe um equivalente rudimentar à apreensão física.

Ou seja, o mecanismo de causa e efeito. Você vai ver. Então, apreensão física.

As possibilidades eternas são simplesmente possibilidades abstratas e lógicas que, por assim dizer, são concretizadas em virtude dos dados objetivos. Qual será o efeito desses dados objetivos, dessa nova experiência? Bem, pode seguir vários caminhos, possibilidades alternativas. Você verá.

E essas possibilidades eternas na experiência consciente são, naturalmente, ideias, que são apreendidas pelo que ele chama de apreensão conceitual. Que, claramente, é cognitiva. Portanto, a ideia não é o elemento primário, como era para Descartes, Locke e Kant, como se na experiência fôssemos simplesmente bombardeados por ideias.

Não, Hume estava mais certo. É impactante e vibrante na presença. E as ideias surgem naturalmente.

É o afetivo em primeiro lugar, e não o cognitivo. Portanto, existem possibilidades infinitas. Ele reconhece que, se são possibilidades lógicas, são, de certa forma, possibilidades lógicas objetivas.

Ou seja, na própria natureza das coisas, existem essas possibilidades lógicas. Não são algo que inventamos. Não inventamos possibilidades.

Podemos concretizar possibilidades, mas não as inventamos. Podemos reconhecê-las, mas não as criamos. Portanto, nesse sentido, as possibilidades existem, quer tenhamos consciência disso ou não.

São possibilidades objetivas. E assim, especialmente em seus escritos posteriores, ele as chama de objetos eternos. Ou seja, são objetos do pensamento, assim como as ideias são objetos para Locke.

São objetos de pensamento. Possibilidades objetivas das quais você se torna consciente. Então, em resposta a esse estímulo causal dos dados objetivos, surgem todos os tipos de possibilidades, das quais temos consciência nos processos conscientes, mas que permanecem presentes mesmo nos processos inconscientes.

Essas possibilidades ainda existem, independentemente de haver alguém que as conheça ou não. E dentre essas possibilidades, o que determina o futuro é o que ele chama de decisão. Na consciência humana, trata-se frequentemente de uma decisão consciente.

É isso que vou fazer com os novos princípios. Decisão consciente. Mas mesmo em processos inconscientes, biológicos, físicos, etc., existe um ponto de corte, uma seletividade envolvida.

Embora nem todas as possibilidades possam ser concretizadas, algumas o são no curso natural dos acontecimentos. Essa decisão é o que proporciona o que ele chama de objetivo subjetivo. Porque, na decisão, a possibilidade escolhida torna-se a meta que se almeja.

É isso que você vai buscar. Você vai concretizar essa possibilidade. Entende?

Agora, o objetivo subjetivo inicial é aquele apresentado pelo processo causal natural. Digamos, dados esses dados, o resultado. E em qualquer processo determinado, o objetivo subjetivo inicial é simplesmente o objetivo subjetivo desse novo evento.

Subjetivo no sentido de que se torna um fim intrínseco para o novo evento em virtude dos novos dados que foram absorvidos por ele. É intrínseco. Observe que ele tem uma explicação teleológica para tudo.

Uma explicação teleológica. Não é um universo mecanicista. É um universo teleológico.

Agora, no caso de seres com consciência, esse objetivo subjetivo inicial pode se tornar um objetivo subjetivo modificado. Um objetivo subjetivo modificado. De modo que você possa resistir ao efeito de algo sobre você e lidar com a nova informação de alguma outra maneira.

E, claro, até mesmo seu cachorro de estimação resiste ao seu chamado, ao seu assobio às vezes, e vai atrás do gato do vizinho. O objetivo subjetivo inicial se torna um objetivo subjetivo modificado quando ele sente o cheiro do gato. Eu sempre acho que os cães cheiram antes de ver.

O lema "olhe antes de pular" se aplicaria muito bem aos cães nesse sentido. Alguns seres humanos, eu acho, agem antes de olhar. Os cães cheiram antes de olhar, e assim por diante.

Mas o olhar pode proporcionar um objetivo subjetivo modificado. Portanto, o objetivo subjetivo inicial e o modificado. É assim que funciona para todos os eventos.

E, como eu disse da última vez, há um gradualismo, de modo que, em graus variados, isso é consciente ou inconsciente em toda a gama de coisas no céu e na terra. Agora, a noção de um objetivo subjetivo é teleológica. Aonde isso nos leva? Bem, isso nos leva à conclusão do evento.

Entende? E quando a possibilidade inerente a esses novos dados for concretizada, então, pronto, o evento estará concluído. É como se houvesse um processo genético, e tente usar a metáfora biológica. Um processo genético.

Então você tem concepção, não no sentido cognitivo, mas no sentido biológico. Você tem concepção por causa do estímulo causal. Você tem concepção.

Você tem o processo de desenvolvimento com as possibilidades surgindo e sendo selecionadas durante o desenvolvimento embrionário, por assim dizer. Até o nascimento do novo evento com a decisão e a conquista, na maturidade, do objetivo subjetivo. E então, claro, o evento maduro gradualmente dissipa os dados.

Entende? Então você pode ver como nascimento, maturidade, morte, que dá origem a nascimento, maturidade, morte. Ei, dialética? Hegel? Sim. Tese, antítese, síntese.

Entende? A influência da tradição hegeliana reside nessa compreensão plena do processo mundial. Todo o processo mundial é algo dialético. Possui uma estrutura dialética.

Na síntese, os dados objetivos são preservados, mas transcendidos pelas novas possibilidades que eles proporcionam. Entende ? Na síntese. Bem, a conclusão do evento, então, leva ao que ele chama de satisfação.

Satisfação. E, novamente, observe que esse é um termo derivado da experiência perceptiva consciente. É o paradigma.

Sabe o que quero dizer com paradigma? Em uma língua estrangeira, existem certos verbos paradigmáticos. Veja bem, se você quer saber como conjugar um verbo, você recorre ao paradigma. Conheço uma mente brilhante, uma mente brilhante.

Em francês. E assim por diante. Entende ? Portanto, a experiência perceptiva consciente é o paradigma.

E na experiência perceptiva, é a satisfação que surge quando raramente vemos algo, pois temos a oportunidade de absorvê-lo. É por essa satisfação que Whitehead encontra a satisfação estética. Ora, estética, inicialmente, no sentido germânico continental de satisfação sensorial.

Istami tem a ver com os sentidos; a estética transcendental de Kant também tem a ver com os sentidos. Mas é estética também no sentido comum do termo em inglês, estética, uma satisfação estética. Como descrever essa satisfação estética, que é o ápice da experiência? Bem, é que tudo no evento, todos esses três elementos, se unem para proporcionar uma unidade.

Assim, o evento se torna um sentimento, uma experiência. Observe como usamos o termo "experiência" nesse sentido. Poderia ser a sua primeira vez provando torta de noz-pecã; que experiência!

Podem ser os quatro anos de um curso superior, a experiência Wheaton. Entende? E pode ser que, ao final de alguma fase da história da humanidade, o historiador olhe para trás e diga: toda essa história foi uma experiência humana. Singular, com uma identidade própria que proporciona um sentimento de unidade.

Entende ? Então, essa satisfação é uma unidade ordenada, uma harmonia de opostos. Opostos ? Sim, contrastes entre realidade e possibilidade. A intensidade do sentimento que está associada à harmonia ordenada dos ingredientes opostos dentro da experiência como um todo.

Sabe, é assim que algumas pessoas explicam, descrevem a experiência da beleza nas artes. Entende ? Os contrastes harmonizados naquele momento final em que a sinfonia reúne tudo. Já se perguntou como todos sabem a hora de aplaudir? É quando a síntese é alcançada.

A experiência é completa. E ele usa essas analogias estéticas. E nesses tipos de processos, nesses tipos de eventos, o bem é o que contribui para essa satisfação.

O bem é instrumental para a beleza. Explicitamente, para Whitehead. Sua ética é uma ética utilitarista.

O bem é um meio para fins estéticos. E o mal é a oposição fragmentária e transitória a essa harmonia. Seja por resistir ao objetivo emergente com sua grande síntese, seja por pura trivialidade que se torna enfadonha.

Sim, um romance chato é um romance ruim. Uma palestra chata é uma palestra ruim. E uma palestra com elementos realmente supérfluos que interferem no desenvolvimento da narrativa também é ruim.

Mas muito do que chamamos de mal é simplesmente o conflito de opostos que serão harmonizados na síntese. Assim, quando Whitehead falava sobre seu filho, que era piloto do Corpo Aéreo Real Britânico na Primeira Guerra Mundial, o que na época era chamado de Corpo Aéreo Real, que se tornou a Força Aérea Real, seu filho foi abatido em um combate aéreo sobre as trincheiras na França durante a Primeira Guerra Mundial. Ao falar sobre isso, ele descrevia a vida do filho chegando a uma bela conclusão ao se fundir com a história. Seu problema com o mal? Observe, se quiser, o otimismo e o idealismo evolucionistas do século XIX.

Bem, então você vê que essa caracterização de um evento como a experiência perceptiva é a caracterização da vida de uma pessoa. É a caracterização de toda a história humana, de toda a história cósmica. Entende? E lembre-se de que a categoria do último, digamos, a categoria explicativa última, é a criatividade.

A maneira como a novidade surge do conflito de opostos. Como um evento dá origem a outro. Ao morrer, vivemos.

Bem, se essa é a natureza do processo mundial, o processo criativo, como ele realmente é e como ele o concebe, o processo criativo, o processo mundial, o que isso diz sobre o ser humano? Bem, diz que o ser humano é essencialmente o que David Hume disse sobre identidade pessoal. Lembre-se de que Hume disse que a identidade pessoal, como a conhecemos na consciência, é simplesmente um conjunto de percepções. A memória presente de experiências passadas, esse conjunto de percepções, é a única identidade pessoal que se pode descrever.

Agora, Whitehead, claro, estende essas percepções ao longo de um período de tempo. Mas é a continuidade das experiências que dá identidade, de modo que você olha para uma foto sua de dez anos atrás e diz: "Sim, esse sou eu". E então você consegue se identificar com ela por causa dessa continuidade.

Mas o eu humano, diz ele, é simplesmente uma sociedade de eventos com uma estrutura unificadora. Uma sociedade de eventos. Mas o que queremos abordar hoje é: e Deus? Agora, observe esses três ingredientes de todos os eventos.

Lembre-se de que Deus, para Whitehead, não é uma exceção a essas generalidades metafísicas, mas sim o exemplo por excelência. Portanto, Deus é concebido à imagem da experiência perceptiva.

Ou, dito de outra forma, Deus é compreendido em termos da experiência de ser Deus. A autoconsciência é a lente projetada sobre o absoluto. Agora, o que isso significa? Bem, ele diz que existem três fases na natureza de Deus .

Se preferir, podemos dizer que a natureza tríplice de Deus se relaciona com qualquer evento. Muito bem, aqui está a natureza de qualquer evento. E há três aspectos, existe uma natureza tríplice de Deus em relação à natureza tríplice de um evento.

A natureza tríplice de Deus é simplesmente mais um exemplo. De um evento tríplice. Entende ? Em outras palavras, o ser que chamamos de Deus é como qualquer outro ser, um evento.

Um evento eterno. Entende ? Um evento sem começo e sem fim. Um evento eterno.

O que ele aborda nessa natureza tríplice é a natureza primordial de Deus. Sua natureza primordial. Sua natureza consequente.

E a natureza superjetiva . Certo? A essa altura, você já aprendeu não apenas a memorizar o significado das palavras, mas também a decifrá-las quando as vê. E essa palavra superjetiva , do latim *iacio* , é o verbo lançar, arremessar.

Super, acabou, ligado. Sim. Então, está na natureza superjetiva de Deus que Deus, por assim dizer, dá algo à natureza.

Para o mundo. Mas a natureza consequente de Deus é que Deus recebe algo do mundo. Entende ? Então você precisa começar com a natureza primordial de Deus para saber, por assim dizer, com o que Deus começa e como um evento afeta Deus, e então o que Deus devolve ao evento.

Porque é assim mesmo. Veja bem, o que é eterno é a natureza primordial de Deus. Isso nunca muda.

Isso nunca muda. A natureza consequente, a natureza superjetiva , essas sim mudam. Mas a natureza primordial nunca muda.

O que é a natureza primordial? É a harmonia ordenada de todos os objetos eternos. Objetos eternos são as possibilidades eternas. Em outras palavras, o que ele está dizendo é que você deve pensar em Deus como a soma total de todas as possibilidades lógicas.

Agora, tenha isso em mente. E então veja como isso ecoa o passado. Para Santo Agostinho, as *rationes eterne*, essas formas eternas, ideais eternos, as formas de Platão, são o quê? São possibilidades conceituais na mente de Deus, arquétipos na mente de Deus.

Claro, foi isso que Agostinho absorveu dos pais da igreja alexandrina, da tradição do Logos na igreja primitiva, tão influenciada pelo platonismo médio. E você se lembra das três influências no pensamento de Whitehead que mencionamos da última vez? A terceira eram esses pais da igreja alexandrina. Então, na verdade, o que Whitehead está fazendo é retomar a teoria platônica das formas, tal como foi traduzida pelo platonismo médio para a linguagem do Logos dos estoicos, que a igreja cristã adotou e aplicou ao Deus criador e ao Logos encarnado, em quem se escondem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, sim, todas as *rationes eterne*, todas as formas.

Era assim que explicavam sua onisciência. Era assim na tradição alexandrina, em Justino Mártir, em Agostinho, em Anselmo, em Tomás de Aquino, em toda a tradição medieval. Mas é aos alexandrinos que Whitehead gosta de retornar.

Então, ao pensar em Deus e na experiência de Deus, na experiência do próprio Deus, você precisa pensar em como Ele pensa sobre esses pensamentos, em Sua sabedoria eterna, nas possibilidades de Sua criação. Ora, à medida que a própria natureza, o mundo e o desenvolvimento da história mundial acontecem, os eventos naturais, Deus, que tudo experimenta, experimenta o mundo. E Ele pode ser tocado pela sensação do que está acontecendo no mundo.

Então Deus sente o que está acontecendo. A percepção de Deus não o abala. Deus sente conosco.

Essa é a linguagem que Whitehead usa constantemente. Vou ler um trecho para vocês daqui a pouco. Então, temos aqui a apreensão conceitual das possibilidades.

Aqui, temos o que ele chamou de apreensão física de dados objetivos, do que está acontecendo. Entende? E Deus, experimentando nesse sentido afetivo o que está acontecendo no mundo, enquanto conhece todos os tipos de possibilidades eternas de harmonização conceitual, o que ele faz? Em sua natureza superjetiva, ele oferece possibilidades ao processo mundial. Sim, é Deus quem fornece o objetivo subjetivo inicial.

Deus, não uma força mecânica cega, mas Deus. E, claro, na experiência humana, começamos a perceber que os seres humanos têm a liberdade de resistir à vontade de Deus. Liberdade para modificar aquilo que Deus, em sua bondade, oferece como objetivo, propósito.

Assim, a natureza primordial de Deus corresponde ao segundo ingrediente em um evento natural. A natureza consequente de Deus corresponde ao primeiro ingrediente em um evento natural. A natureza superjetiva de Deus corresponde ao terceiro.

Ou seja, o terceiro, que então conduz a eventos futuros, como de fato acontece. Assim, à medida que o próximo evento se desenrola, por assim dizer, usando uma metáfora horrenda, a natureza primordial de Deus incorpora todas as possibilidades para essa nova situação. Entende ? Sim, porque o total de possibilidades incluía as possibilidades que surgiriam em qualquer nova situação.

Então a natureza primordial está sempre presente, com coisas em reserva. Eu disse o próximo evento que está por vir. Claro, não se trata de eventos que estão por vir.

Bip. Cuidado, lá vem outro. Bip.

Não, não é bem assim. É muito mais como, bem, suponho que você deva dizer, já que usei sons, uma sinfonia extremamente complexa, mas magnífica. Ou, se preferir usar fios como metáfora, é mais como um cabo telefônico altamente complexo que leva uma semana para consertar quando dá problema.

Veja bem, os eventos se entrelaçam, e se entrelaçam novamente, formando inúmeras linhas de conexão. Mas, por uma questão de simplicidade, ele analisa isso em termos de um evento levando a outro. Então, que tipo de Deus isso nos apresenta? Bem, é um Deus que ordena o universo.

Deus, diz ele, é o princípio da ordem. Ou, para usar o termo dele, Deus é o princípio da concreção. Agora, ao olhar para essa palavra, concreção, suponho que você pense em concreto.

Não, não faça isso. Nunca leve as palavras dele ao pé da letra, nem seus termos técnicos. "Concreção" parece ser o sinônimo que ele usa para "concrecência".

E se você entende latim, e se não entende, ainda assim a palavra concrecência significa crescer junto. Cresco é o verbo, crescer, con, com, crescendo junto. Antigamente existia uma gordura culinária chamada Cresco.

Nos dias de hoje, com a crescente preocupação com a gordura, tudo se tornou líquido em vez de sólido. Cresco era uma gordura culinária que fazia os bolos crescerem. Daí a concrecência.

Ora, Deus é o princípio da concreção, da concrecência. É Deus quem mantém o crescimento em andamento, rumo à harmonia da sinfonia. Observe, porém, que Deus não origina o processo do mundo.

Deus não a originou. A categoria do supremo é a criatividade. A criatividade sempre existiu.

O exemplo principal é Deus. Mas Whitehead parece acreditar que existem processos naturais que vêm ocorrendo, um ou outro, desde tempos imemoriais. Veja bem, não há razão para Whitehead pensar que Deus foi o primeiro desses processos.

Então, pelo que entendi, Deus e o Big Bang, título da palestra de amanhã à noite, seria muito diferente para um teólogo whiteheadiano do que para um teísta tradicional. Ele também não pensa em Deus ; não o vê como um originador, nem como o Deus que é o exterminador. Acho que esse termo agora é da ficção científica.

Deus está concluindo tudo. Em outras palavras, ele não tem uma escatologia. Ele não tem uma escatologia.

O fim da coisa. Você diz uma teleologia sem escatologia? Sim. A teleologia simplesmente continua indefinidamente.

Então a harmonia está sendo criada o tempo todo. E é uma harmonia eterna. Entende ? Sim.

É uma harmonia eterna. Por isso, ele não concebe a história como tendo um fim para o qual esteja se movendo. Deus é o princípio da concretização, o princípio da ordem.

Ele também chama Deus de princípio da limitação. Porque, em virtude de sua natureza superjetiva , só existem possibilidades limitadas disponíveis. Somente possibilidades limitadas estão disponíveis.

Portanto, o processo mundial não vai se autodestruir para Whitehead. Não poderia, se isso não estiver entre as possibilidades. A natureza subjetiva de Deus não admite tais possibilidades.

Então você percebe que a ênfase dele está na criatividade de Deus, exercida com amor e cuidado ao fornecer um objetivo subjetivo inicial em cada evento, não importa quão micro ou macro, em todo o processo do mundo. Nesse sentido, Deus

também é um evento, o evento que tudo experimenta. Entende ? Não é panteísmo, não é teísmo tradicional em nenhum sentido em que Deus seja o criador.

Alguns teólogos do processo, como veremos em breve, o consideram uma espécie de panenteísmo. Tudo acontece dentro da experiência que é Deus. Mas o evento, a experiência super abrangente que é Deus, é muito mais do que todos os processos do mundo.

Então, panenteísmo. Agora você pode estar tentado a perguntar, como um amigo meu faz sempre que me lembro dele discutindo esse tipo de coisa, bem, o que é o experimentador? O que é o experimentador? Ao que Whitehead responde: muito bem, no seu caso, como um perceptor, o que não é um perceptor? O que é uma pessoa? Veja bem, a única coisa que podemos dizer é que uma pessoa é uma sucessão de eventos com unidade e harmonia no todo. Essa é a teoria da memória da identidade pessoal.

Entende ? Porque esta é uma filosofia de processo, não uma filosofia de substância. Não procure um substrato, uma matéria, uma entidade, uma coisa que pensa e sente. Não, não uma coisa que pensa e sente, mas sim o ato de pensar e sentir.

É isso que é real. Então é assim que as coisas acontecem. Deixe-me ler um trecho do que Whitehead diz para que você possa entender melhor.

Esta é a sua obra principal, Processo e Realidade. E, perto do final, há uma seção sobre Deus e o mundo. E aqui está ela.

No grande período formativo da filosofia teísta, que culminou com a ascensão do islamismo, após uma coevolução contínua com a civilização, emergiram três correntes de pensamento. Sabe, é notável a frequência com que ele fala em três. Essas tríades dialéticas.

Entende ? Três linhas de pensamento emergem, as quais, em meio a muitas variações nos detalhes, respectivamente moldam, primeiro, Deus à imagem de um governante imperial. Segundo, Deus como personificação da energia moral. Terceiro, Deus à imagem de um princípio filosófico supremo.

Então, o que ele tem em mente? Essas três correntes de pensamento podem ser associadas, respectivamente, aos Césares divinos. Lembrem-se de como os Césares romanos eram divinizados perante o Senado Romano? Ele se tornou um Deus, como se dizia de um deles. O governante imperial.

Deus, o governante imperial. A segunda personificação da energia moral são os profetas hebreus. A terceira, o princípio filosófico supremo, Aristóteles.

Mas Aristóteles foi antecipado pelo pensamento indiano e budista, e os profetas hebreus podem ser comparados em vestígios de pensamento ainda mais antigos. O islamismo e os Césares divinos representam meramente o simbolismo teísta mais natural, óbvio e idólatra em todas as épocas e lugares. A história da filosofia teísta exibe vários estágios da combinação dessas três diversas maneiras de abordar o problema.

No entanto, existe a origem galileia do cristianismo. Não Galileu, mas Galileia. Certo, a origem galileia do cristianismo.

Outra sugestão que não se encaixa bem em nenhuma das três linhas principais. Ela não enfatiza um César governante, um moralista implacável ou o motor imóvel. Ela se concentra nos elementos delicados do mundo, que operam lenta e silenciosamente por meio do amor.

E encontra propósito na imediatez do presente de um reino que não é deste mundo. Não olha para o futuro, mas encontra sua recompensa no presente imediato. O reino de Deus está entre vocês.

Cada pardal, ao cair, é visto. Os fios de cabelo da sua cabeça estão todos contados. Para alguns de vocês, é uma tarefa muito maior do que para outros.

Então, Deus nesses termos. E ele está envolvido, veja bem, não pela teologia cristã, mas pela imagem de Jesus tal como era vista em uma certa tradição teológica liberal que enfatizava Jesus como o homem do amor. Ele foi muito ativo em sua juventude, devido à sua origem.

Então, vejamos, 346. Sim, concebemos a paciência de Deus, que ternamente salva a turbulência de um mundo intermediário pela consumação de sua própria natureza. O papel de Deus não é o combate de força produtiva com força produtiva, de força destrutiva com força destrutiva.

Reside na atuação do paciente sobre a racionalidade avassaladora de sua harmonização conceitual. O que é essa racionalidade avassaladora de sua harmonização conceitual? A primazia da natureza primordial, que é sua harmonização conceitual de todas as possibilidades. Daí sua capacidade de fazer com que todas as coisas trabalhem juntas para o bem.

Então, vejamos, a paciência de Deus, sim. As revoltas do mal destrutivo, puramente egoístas, são descartadas em sua trivialidade. E, no entanto, o bem que elas realizaram na alegria e na tristeza individuais, na introdução do contraste necessário, é preservado por sua relação com o todo completo.

A imagem é a de um cuidado terno para que nada se perca. Deus não cria o mundo; ele o salva, ou, mais precisamente, ele é o poeta do mundo, guiando-o com terna paciência por meio de sua visão de verdade, beleza e bondade. E a criação alcança a reconciliação entre permanência e fluxo quando chega ao seu fim, à sua eternidade.

Então, é isso. Ele fala sobre liderar pelo amor e tem uma longa dissertação em um trecho, ou melhor, uma longa discussão repetida em um de seus livros, sobre o amor, que ele considera ser Eros. Em Aventuras das Ideias, trata-se disso.

Amor, que ele considera ser Eros, não Ágape, mas Eros. Porque Eros é a palavra platônica para amor, que é o quê? Um amor pelo bem, entende? Então, é nesse amor abrangente pelo bem que Deus age.

É um desejo pelo bem, entende? E é isso que, no objetivo inicial que Deus dá, o objetivo subjetivo inicial, está sendo difundido. Um desejo pelo bem.

E você se lembra de como, nas teleologias medievais, toda a natureza tem sua tendência natural para o bem natural. E mesmo os seres humanos que se enganam sobre o que é o bem ainda o desejam, mesmo tendo dito: "Que o mal seja o meu bem", eles ainda desejam esse bem. Veja, então ele está tentando resgatar essa teleologia dessa maneira.

Bem, algum comentário, alguma pergunta? Você disse antes que o processo mundial continua. Ele não tem... a Segunda Vinda se encaixa nisso? Não, não. Na verdade, nem a Encarnação.

Veja bem, ele fala do Jesus histórico, mas não da Segunda Pessoa da Trindade encarnada. Assim, como em Hegel, também em Whitehead, os conceitos teológicos cristãos são meramente simbólicos. Não devem ser tomados como verdades conceituais, entende?

Lembre-se, em Hegel, você encontra a tríade final no espírito absoluto, passando da arte para a religião e para a filosofia. Enquanto a religião é uma expressão simbólica, é a filosofia que a conceitualiza. Portanto, o discurso religioso é um discurso simbólico.

A encarnação, então, é simbólica de quê? Da iminente atividade amorosa de Deus na história, na natureza. Aliás, há alguns anos, ministrei um seminário sobre Whitehead e a teologia do processo, no qual, na segunda metade do semestre, após o estudo de Whitehead, cada aluno da turma ficou responsável por um teólogo do processo do século XX. E pelo que esse teólogo tinha a dizer sobre certos tópicos teológicos fundamentais.

E não creio que tenhamos encontrado um único que tenha dado uma interpretação tradicional da Encarnação. Ela sempre foi simbólica. E o mesmo se aplica a outras doutrinas fundamentais do cristianismo.

Bem, não vou dizer que é impossível. E eu não li tudo o que pedi para eles lerem; eu os incentivei a ler por mim. O que, você sabe, é a melhor razão para ministrar um seminário.

Peça para outras pessoas fazerem a pesquisa para você. Às vezes, eu gostaria de voltar atrás e fazer tudo sozinho. Eu estava dizendo para alguém que, quando me aposentar, o livro que tenho guardado na manga é um livro do Whitehead.

Venho lendo Whitehead e trabalhando nele intermitentemente há 40 anos. Gostaria de concretizar esse projeto. Mas uma das coisas que eu gostaria de fazer é revisar toda essa literatura que você conhece.

E veja se algum deles realmente vai além de Whitehead nesse aspecto. Pode ser que sim. Mas certamente na literatura, isso não é nada evidente.

Ao descrever esse Deus, fico pensando, até mesmo no uso de um pronome. Quer dizer, não parece. Mas suponho que, acho que você precisa voltar à definição que ele tem de pessoa.

Sim, você está preocupado com o quê? Com o termo Deus? Sendo usado? Ele? Sim, sim. Se, sim, essa é uma boa pergunta. Ele quer dizer que Deus é, na verdade, uma massa consciente e autoconsciente? Acho que sim.

Mas, por outro lado, fica uma pontinha de dúvida. Será que ele está usando isso em termos de um certo grau de influência vinda de alguma coisa? De Deus? Você diz que ele fala assim porque é assim que ele fala de tudo. O paradigma é a consciência.

Não, acho que ele se refere à consciência. E certamente parece falar dessa forma em algumas conversas noturnas que tivemos com ele, gravadas e transcritas após sua morte. Certamente parece falar dessa forma.

Sim. Deixe-me explicar melhor. Acho que isso pode ajudar a esclarecer a situação.

Para Whitehead, em contraste com, digamos, Tomás de Aquino, Deus é a causa eficiente da criação, a causa formal da criação, a causa final da criação. Certo? Não há causa material porque a criação é ex nihilo. Ora, parece-me que, em Whitehead, Deus é a causa formal e final, mas não a causa eficiente.

Deus é a causa formal no sentido de que sua natureza primordial concebe todas as possibilidades lógicas e a ordem lógica. Certo? Ele é a causa final em virtude da natureza superjetiva pela qual atrai os eventos. E esse é o termo que Ele usa: atrair.

Bem, eu não sou pescador, mas sei o que é uma isca. Ela não chuta o peixe na cauda. O que ela faz é atrair o peixe.

Uma isca é uma causa final, não uma causa eficiente. Portanto, é o caminho vitorioso de uma isca que é significativo, e o caminho vitorioso de um ideal que é significativo em uma causalidade final. Assim, para Whitehead, a relação de Deus com o mundo é a de uma causa formal e uma causa final, mas não uma causa eficiente.

O que significa que Deus não age. Se por "agir" você se refere ao que é entendido na história bíblica, ou seja, os poderosos feitos de Deus na história de Israel.

O poderoso ato de Deus na encarnação ou na segunda vinda, como você o menciona. Não, Deus não age. E creio que a natureza subjacente de sua metafísica impede Deus de agir.

Na verdade, escrevi um artigo sobre Whitehead há alguns anos, intitulado "Por que Deus não pode agir". Ele está em um livro chamado "Teologia do Processo", editado por Ronald Nash.

Está na biblioteca. E parece-me que a razão pela qual Deus não pode agir é que o Deus de Whitehead é essencialmente um Deus hegeliano. É um Deus de, digamos, Schleiermacher, que é mais um fundamento do ser do que um agente pessoal.

Entende? E assim, como se essas categorias de atuação baseadas em agência não se aplicassem, você se apoia apenas no fundamento do ser.

O fundamento último que influencia a natureza indiretamente. E assim, tal como na teologia liberal do século XIX, não há nenhuma revelação especial. Tudo é iminente a partir de dentro.

Não há nenhum ato sobrenatural envolvido. É tudo um processo natural em virtude da criatividade divina interior. O mesmo acontece com Whitehead.

Então, se você está familiarizado com a história da teologia do século XIX e com a tradição schleiermacheriana, a tradição romântica, bem, esse é o Whitehead. E como eu disse, Whitehead parece ter lido Wordsworth como se fosse a Bíblia.

Você se lembra daquela frase da última vez? Então, acho que esta é uma versão romantizada da teologia do século XIX que se manifesta em uma metafísica

processual do século XX. Você poderia considerar o princípio da criatividade, que é a essência de toda a realidade, e refletir um pouco sobre isso? Sim. Sim.

E existem alguns teólogos do processo que tentam fazer isso. Alguns que tentam fazer isso. E acho que não me engano ao dizer que Charles Hartshorne é talvez o pensador do processo mais conhecido.

Ele próprio não foi influenciado por Whitehead, mas desenvolveu-se paralelamente a ele. E lecionou em Harvard por vários anos, depois em Chicago e, na sua aposentadoria, no Texas. Hartshorn fez isso.

era claramente um panenteísta , e poderia ser considerado panenteísta se a criatividade fosse Deus. Influenciou muita gente. Talvez hoje o teólogo do processo mais conhecido seja John Cobb, que, se não me engano, leciona na Claremont School of Theology, na Califórnia.

John Cobb. Mas muitos deles estão por aí. Não temos tempo para falar sobre eles agora.

Certo. Na próxima vez, o que eu gostaria de fazer, e este é um padrão que seguiremos com esses livros que vocês estão lendo, é comentar o livro dele, "A Ciência no Mundo Moderno".

Então, eu recomendo que você leia. Talvez não o suficiente para fazer uma resenha. Mas leia, e depois faremos alguns comentários e discutiremos os assuntos que você quiser abordar.